



A ECODISTOPIA ENTRE O CATASTROFISMO E O NOVO LÉXICO EMERGENTE DO ANTROPOCENO

Willian André
Universidade Estadual do Paraná

Resumo

Este trabalho visa a oferecer uma reflexão sobre o conceito de ecodistopia enquanto termo aparentemente vinculado ao novo léxico emergente do antropoceno. Para concretizar a proposta, inicio com uma breve contextualização sobre as teorias do antropoceno; na sequência, passo a um levantamento dos trabalhos que encontrei fazendo menção ao termo ecodistopia, e prossigo com uma reflexão mais detalhada na tentativa de aprofundar esse conceito.

Palavras-Chave: Ecodistopia; Antropoceno; Catastrofismo; Crise Ambiental.

Abstract

This paper aims at rendering a reflection on the concept of eco-dystopia as a term apparently linked to the new lexicon resulting from the anthropocene. As a means to perform such proposal, I begin with a brief contextualization about the theories of the anthropocene; afterwards, I survey the works I found that mention the term eco-dystopia, and continue with a more deeper reflection in an attempt to dig into this concept.

Keywords: Eco-dystopia; Anthropocene; Catastrophism; Environmental Crisis.

Introdução

Meu primeiro contato com a palavra ecodistopia se deu há pouco tempo, em 2022, por meio de um artigo publicado por Marco Malvestio no CPLP¹. A partir desse próprio artigo, e de outros materiais obtidos após uma breve pesquisa, descobri que o termo não era tão recente quanto me pareceu à primeira vista, mas ainda recente o suficiente para seguir me provocando indagações: o que é a ecodistopia? Em quais contextos essa palavra vem sendo empregada? Podemos considerá-la um subgênero dentro do quadro das narrativas distópicas? Quais são seus elementos constitutivos? Existe alguma espécie de teorização da ecodistopia?

¹ CPLP: European Journal of Creative Practices in Cities and Landscapes.

É na tentativa de perseguir respostas – mesmo que provisórias – para algumas dessas perguntas que me aventuro na redação das próximas linhas. Apesar de algumas ocorrências do termo remontarem a 2013, é plausível afirmar que o texto supracitado de Malvestio, com o sugestivo título “Theorizing Eco-Dystopia”, é uma das primeiras tentativas de teorização da ecodistopia. Nessa esteira, o esforço reflexivo aqui pretendido visa a reunir subsídios para compreender quais significados podemos atribuir a esse termo emergente, e quais significados podemos construir a partir dele.

De partida, deliberadamente inscrevo a ecodistopia no arcabouço teórico do antropoceno – outro termo bastante recente, polêmico, marcado pela polissemia. Portanto, meu primeiro passo será em direção ao traçado de uma breve contextualização que possibilite a convergência entre a ecodistopia (enquanto fenômeno) e o antropoceno (enquanto cenário para esse fenômeno).

Em seguida, procuro reunir o maior número de menções que encontrei, até o momento, à ecodistopia. Trata-se, é claro, de um recorte limitado, mas pode ser um exercício proveitoso na tentativa de compreensão do estado atual de existência dessa palavra. Ao levantamento, acrescento uma discussão mais pormenorizada sobre o conceito de ecodistopia com ênfase na teorização embrionária proposta por Malvestio, em diálogo com as visões do antropoceno traçadas inicialmente.

Por fim, tentarei tecer algumas considerações sobre duas narrativas literárias recentes – uma de 2017 e outra de 2021 –, no intuito de apresentá-las como exemplos de ecodistopias e encapsular as discussões propostas ao longo do texto.

Métodos

Desde a decisão da Comissão Internacional sobre Estratigrafia (ICS), em março de 2024, pela rejeição do Antropoceno como época geológica – ou unidade cronoestratigráfica na história geológica da Terra –, muitas têm sido as discussões sobre as possibilidades de uso e interpretação desse termo em variadas áreas do conhecimento. Kilhavn, Shipp e Bertheussen (2024, p. 2), por exemplo, defendem o potencial do antropoceno “como ferramenta para a narrativa arqueológica”. Zalasiewicz e colaboradores (2024, p. 980) defendem que o uso atual do termo se divide em quatro direções principais: i. a comunidade científica do Sistema Terra, ii. as humanidades (ou ciências humanas) e ciências sociais, iii. as artes e museus, e iv. o

público, os legisladores e os urbanistas². Poucos anos antes do parecer da ICS, em 2018, um autor grosseiro como Valentí Rull, com rigor cartesiano, ditava as regras de como essa palavra – antropoceno – poderia ser provisoriamente empregada em textos produzidos pela comunidade científica. Segundo ele, seria cientificamente incorreto “Usar el término ‘Antropoceno’ sin comillas, solo en sentido cultural, para referirse a la influencia humana sobre la Tierra” (Rull, 2018, p. 75). Ademais, seria um problema evidente que o estabelecimento do Antropoceno como época geológica partisse de “Una necesidad política, no científica” (Rull, 2018, p. 90)³ – julgamentos feitos por um autor que, em pleno século 21, emprega deliberadamente expressões como “Descubrimiento de América” (Rull, 2018, p. 47, 120) ou “conquista de América” (Rull, 2018, p. 56), e considera plausível a hipótese de, “en el futuro, colonizármos otros mundos” (Rull, 2018, p. 101). Ainda que a proposta tenha partido, de fato, de um grupo de geólogos, e que seu propósito fosse fazer valer o Antropoceno como um conceito geológico, caso ele realmente precisasse ficar descolado de um sentido cultural e de uma necessidade política, teria pouco sentido para significar o que realmente significa. Dessa forma, arrisco afirmar que o parecer negativo da ICS serviu para localizar esse conceito, ao menos por ora, em um lugar de produção de sentido muito mais profícuo. Como aquele Cristo de Alberto Caeiro, que foge do céu porque “Era nosso demais para fingir/ De segunda pessoa da trindade”, o antropoceno está, provisoriamente, livre para ser profanado com sentido cultural e político.

Essa breve contextualização serve para formular uma primeira nota sobre o método: este trabalho se inscreve no campo das ciências humanas – ou, mais especificamente, em um campo vizinho, que é o das letras e artes. O termo antropoceno, portanto, vai aqui sem aspas ou inicial maiúscula, e deve ser entendido como um conceito simbólico, carregado de prerrogativas culturais e políticas, para designar que, desde a metade do século 20, adentramos uma nova era em que se torna forçoso reconhecer os impactos negativos da ação humana sobre o planeta, principalmente no que diz respeito à atual crise climática e ambiental – daí a explicação etimológica do termo, que vem do grego “anthropos” (ἀνθρώπος), humano, e “kainos” (καίνος),

² “Current usage runs in four main directions. The first is to the Earth System science community, in which the concept arose, and to scientific disciplines that model, assess and warn of the effects of human activities, including the transgression of environmental ‘planetary boundaries’¹. The second is to the humanities and social sciences, in which scholars seek to understand how human impacts eventually came to overwhelm the great forces of nature, and what that means to the analysis of history, philosophy, politics, economics, society and culture. A third is into the arts and museums, where the Anthropocene is inspiring many new cultural works. A fourth reaches to the public and to policymakers, urbanists and others, where understanding human transformation of the climate and biosphere is essential for formulating and implementing policies of stewardship, mitigation and adaptation”.

³ “[...] parece que se está olvidando que el problema del ‘Antropoceno’ como época formal es geológico (porque así lo han querido sus promotores) y no ambiental ni sociológico o cultural” (Rull, 2018, p. 84).

novo, recente, para designar “a era do ser humano”.

Em *O Antropoceno e as Humanidades*, José Eli da Veiga oferece um amplo panorama sobre como as ciências humanas, em um processo que ele classifica como tardio (Veiga, 2023, p. 84), receberam a proposta do Antropoceno como nova época geológica. Dada minha incapacidade de absorver a complexidade desse estudo e a multiplicidade de referências reunidas a partir de uma leitura rápida, limito-me a observar que o livro de Veiga se concentra em dois direcionamentos bastante específicos, sendo o primeiro deles dedicado à “Ciência da Sustentabilidade” (Veiga, 2023, p. 62-81). O segundo direcionamento, que leva o subtítulo “Outras reações nas Humanidades”, dá “maior destaque para o subconjunto das ciências sociais” (Veiga, 2023, p. 82), e sua suma, conforme palavras do próprio autor, é que

[...] a melhor síntese conclusiva deste livro talvez seja a constatação de que as Humanidades, assim como grande parte das ciências, continuam pré-darwinianas. O desafio, portanto, é levar adiante a imprescindível reconsideração dos pensamentos de Darwin e Marx (Veiga, 2023, p. 165).

– conclusão que dialoga com – mas também é problematizada, de certa forma, pela – percepção de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (ao comentar o incontornável texto de Dipesh Chakrabarty, “O clima da história: quatro teses”) sobre “a admissão da insuficiência da crítica do capitalismo para dar conta da crise planetária” (Danowski; Viveiros de Castro, 2017, p. 115)⁴. Do meu ponto de vista, é quando Veiga soa mais genérico – sem conotação pejorativa – que sua reflexão possui maior efetividade:

O advento do Antropoceno desafia fronteiras estabelecidas entre natureza e cultura, entre clima e política, entre ciências naturais e ciências sociais e humanas.

Trata-se de algo bem mais profundo do que o apelo à interdisciplinaridade, em torno de objetos híbridos “socioecológicos”. Fica cada vez mais difícil entender a concepção do mundo natural sobre a qual a sociologia, a ciência política, a história, o direito, a economia e a filosofia se acostumaram por dois séculos: a de uma reserva inerte de recursos, um indiferente cenário ao drama das coisas humanas.

Parecem estar desmoronando as concepções exclusivamente sociais de autonomia, agência, liberdade e reflexividade, que têm sido os pilares da

⁴ A crítica de Danowski e Viveiros de Castro a certo marxismo prossegue, em nota de rodapé, nos seguintes termos: “A constatação da insuficiência da sociologia crítica do capitalismo não significa de forma alguma, para Chakrabarty, que esta seja supérflua, e, menos ainda, errônea. Mas é indiscutível que tal diagnóstico implica uma sacudidela ideológica, para não dizermos uma ferida narcísica, infligida às diferentes versões da esquerda que se pretendem fiéis ao “materialismo histórico”, uma vez que o problema todo com a sociologia da mundialização, no fim das contas, é justamente sua carência de materialismo e seu estreito provincialismo histórico” (Danowski, Viveiros de Castro, 2017, p. 115).

modernidade desde o século XIX. Pedem para ser repensadas: a ideia do humano, do contrato social, e do que são a natureza, a história, a sociedade e a política. Em suma, todas as ideias essenciais sobre as quais tais disciplinas foram construídas (Veiga, 2023, p. 89-90).

Essa necessidade de repensar me leva a uma segunda nota sobre o método. Minha pertença à área das letras faz deste trabalho um estudo epistemológico em seu nível mais básico, à medida que elege como preocupação de pesquisa um conceito – ecodistopia. Na base da exploração do conceito está a exploração das possibilidades da própria palavra, e, nesse contexto do antropoceno que tentei esboçar, busco amparo também nas reflexões de Matthew Schneider-Mayerson e Brent Ryan Bellamy sobre a emergência de um “léxico ecotópico”. Conforme os autores, “nós lutamos para responder, emocionalmente e politicamente, coletivamente e enquanto indivíduos, ao advento do Antropoceno” (Schneider-Mayerson; Bellamy, 2019, Local 256 de 843 - 21%⁵), e, nessa esteira, as respostas possíveis são formuladas, possibilitadas e limitadas pela linguagem: “Muitos pensadores ambientais concordam que a linguagem deveria ser um dos locais de análise e intervenção em nosso confrontamento com o Antropoceno” (Schneider-Mayerson; Bellamy, 2019, Local 344 de 843 - 35%). Logo, sendo o antropoceno um conceito ainda jovem – formulado no ano 2000 –, apesar de exaustivamente debatido, procuro entender o conceito ainda mais jovem de ecodistopia como uma espécie de consequência, como parte de um novo léxico que o antropoceno parece carregar em seu bojo⁶.

Resultados

Como escrevi na introdução, foi o texto de Marco Malvestio publicado em 2022 o responsável por me apresentar ao termo ecodistopia. Menos de um ano depois, empolgado com a descoberta, estava eu mesmo insipidamente arriscando uma definição para esse termo, ao redigir um resumo apressado para apresentar uma comunicação oral sobre educação ambiental, aventurando-me em território que ainda me sinto intelectualmente despreparado para explorar. Para ser honesto com o compêndio que pretendo reunir aqui, retomo o que escrevi naquela oportunidade: “a ecodistopia [...] inscreve a perspectiva crítica das distopias tradicionais

⁵ A versão do texto a que tive acesso é a versão disponível para Kindle. Por isso, peço desculpas pela precariedade da referênciação.

⁶ Apesar de não ser uma metodologia explicitamente empregada neste artigo, devo registrar um débito com as reflexões de Nego Bispo, o Antônio Bispo dos Santos, sobre a questão da palavra enquanto ferramenta essencial de compreensão e ação no mundo, a sua “guerra das denominações” (Bispo, 2023), pois trata-se de uma percepção alinhada à minha visada teórica sobre a emergência do novo léxico do antropoceno.

(Moylan, 2018) em cenários futurísticos devastados por mudanças climáticas, crises ambientais, epidemias virais e afins” (André, 2024, p. 9). E ainda: “a espetacularização da catástrofe proposta por muitas ecodistopias estabelece diálogo com as teorias do Antropoceno, que evidenciam a espécie humana como responsável incontornável pela degradação ambiental nos mais diversos níveis” (André, 2024, p. 9). A princípio, portanto, esta fica sendo minha interpretação do que seria a ecodistopia.

Para tentar um aprofundamento, procurei fazer um levantamento de todos os trabalhos que encontrei com alguma menção ao termo. O resultado dessa busca pode ser visualizado no Quadro 1, logo abaixo. Antes de apresentá-lo, todavia, cabem algumas observações: i. certamente, tratou-se de uma busca limitada e incompleta. É muito provável que existam vários outros títulos (entre artigos, palestras e outros formatos de trabalhos acadêmicos) contendo alguma abordagem da ecodistopia que não chegaram ao meu radar; ii. a busca foi realizada de forma simples, apenas pelo termo ecodistopia e sua tradução para o inglês, eco-dystopia, no motor de busca mais óbvio disponível na internet; iii. alguns trabalhos menos recentes foram encontrados a partir de menções nos trabalhos identificados inicialmente; iv. no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – do IBICT, nenhum trabalho foi encontrado contendo explicitamente a palavra ecodistopia no título ou nas palavras-chave; v. minha leitura do material apresentado não foi equânime em termos de acuidade, ou seja, alguns textos foram lidos com maior atenção, enquanto outros foram abordados mais superficialmente. Isso se deveu à falta de tempo para sistematizar todo o material. Qualquer reducionismo interpretativo constante no Quadro 1, portanto, é de total responsabilidade minha; vi. a compilação apresentada a seguir não pretende ser definitiva, mas sim inicial. Portanto, apesar de todas as limitações anunciadas, esse quadro pode ser utilizado para o aprofundamento do tema em pesquisas futuras.

Quadro 1: trabalhos que mencionam o termo ecodistopia

Ano	Título/Autor	Contextualização
2012	Ecotopia, Ecodystopia, and the Visions of Deep Ecology (Eric C. Otto)	Segundo capítulo do livro <i>Green Speculations: Science Fiction and Transformative Environmentalism</i> , de Otto. O termo ecodistopia aparece diversas vezes ao longo do texto, e há uma formulação consistente em termos de conceituação (será retomada adiante). Apresenta uma conceituação de ecodistopia: sim.
2013	Eco-Dystopias: Nature and the Dystopian Imagination (Rowland Hughes e Pat Wheeler)	Introdução do Vol. 25, N. 2 do periódico <i>Critical Survey</i> . Os autores do texto foram os editores desse volume. O termo ecodistopia aparece apenas três vezes no texto. Nenhum dos seis artigos que compõem o volume apresenta, em seus títulos, a palavra ecodistopia (não tive acesso aos textos na íntegra, mas apenas ao sumário). Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não, mas elabora uma relação com o embate entre progresso tecnológico e natureza, e um vínculo com a ideia de “aviso” sobre o futuro.

2015	Eco-Dystopia and Biotechnology: Margaret Atwood, <i>Oryx and Crake</i> (2003), <i>The Year of the Flood</i> (2009), and <i>Maddaddam</i> (2013) (Dunja M. Mohr)	Capítulo 17 do livro <i>Dystopia, Science-Fiction, Post-Apocalypse</i> , organizado por Eckart Voigts e Alessandra Boller. O texto traz o termo ecodistopia no título, porém não o repete em qualquer momento de seu desenvolvimento. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não.
2017	O Catastrofismo Ecodistópico: perspectivas do Brasil e da América do Norte (Saulo Gouveia)	Artigo publicado na edição 48 do periódico <i>Revista Moara</i> . O termo ecodistopia aparece poucas vezes no texto, que propõe uma análise comparada entre o romance <i>Não verás país nenhum</i> , de Ignácio de Loyola Brandão, e a trilogia <i>Maddaddam</i> , de Margaret Atwood. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: parcialmente, à medida que o autor explica a ecodistopia como um subgênero da ficção científica sob o rótulo “Cli-Fi” (Climate Fiction). Além disso, em termos de elementos constitutivos, ele menciona o “discurso catastrofista”.
2019	Visualizing Eco-Dystopia (Dori Griffin)	Artigo publicado no Vol. 10 do periódico <i>Design and Culture</i> . Não tive acesso ao texto integral (pode ser comprado por 56 dólares no site da editora). O resumo indica que serão analisadas as capas (arte gráfica) de 105 romances ecodistópicos publicados entre 1962 e 2013. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não sei.
2020	Respira fundo e prende: um pequeno raio-X da ecodistopia no cinema brasileiro, do regime militar aos militares no regime (Alfredo Suppia)	Artigo publicado no dossier “O pensamento ecológico” do periódico <i>Revista Eco-Pós</i> , da UFRJ. O termo ecodistopia é empregado diversas vezes, acompanhando as análises de filmes brasileiros de ficção científica. Não há uma conceituação de ecodistopia. Os filmes analisados são compreendidos pelo autor como forma de resistência a regimes ditatoriais e políticas neoliberais, sempre fazendo menção a preocupações ambientais. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não.
2021	Climate Change: Eco-Dystopia in Antonio Scurati's <i>La seconda mezzanotte</i> (Anna Chiafele)	Artigo publicado no Vol. 42, N. 1, do periódico <i>Quaderni d'Italianistica</i> . A palavra ecodistopia aparece apenas no título, não havendo qualquer ocorrência ao longo de todo o texto. Logo no resumo, a autora informa que analisará o romance de Scurati como exemplo de Cli-Fi, e desenvolve suas reflexões por esse caminho. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não.
2021	Ecodistopia: o Brasil árido de <i>Não verás país nenhum</i> (Paulo Henrique da Cruz Sandrini)	Palestra proferida na Mesa 3 do evento III Colóquio de Estudos Ecocriticos, da UNILA. No minuto 26:30, o palestrante explica que está usando o termo ecodistópico por conta “dessa mescla e desse peso que têm tanto os elementos distópicos quanto os elementos ambientais na obra”. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não.
2021	Viagem e ecodistopia em Dinah Silveira de Queiroz e Ignácio de Loyola Brandão (Ângela Maria Dias)	Palestra proferida no evento <i>Tempos de Distopia: Encontro do Grupo de Estudos Distopia e Contemporaneidade</i> . O termo ecodistopia é mencionado apenas uma vez, no minuto 23:20, para introduzir a discussão sobre o romance <i>Não verás país nenhum</i> . Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não.
2021	“So obvious and so unthinkable”: eco-dystopia in Margaret Atwood's <i>Maddaddam</i> Trilogy (Ana Sentov)	Artigo publicado no Vol. 11(2) do periódico <i>Civitas</i> . O termo ecodistopia aparece poucas vezes ao longo do texto. Não há uma conceituação efetiva, mas a autora remete seu uso do termo ecodistopia aos textos de Hughes e Wheeler (2013) e Mohr (2015), apresentados anteriormente neste quadro. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não.

2022	Theorizing Eco-Dystopia: Science Fiction, the Anthropocene, and the Limits of Catastrophic Imagery (Marco Malvestio)	Artigo publicado no Vol. 5, N. 1 do periódico <i>CPCL</i> . Todo o texto gira em torno da conceituação e tentativa de teorização da ecodistopia. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: sim.
2022	Uma Amazônia ecodistópica em <i>Kanopé</i> , de Louise Joor (Márcio dos Santos Rodrigues; Suellen Cordovil da Silva)	Artigo publicado no Vol. 1, N. 1 do periódico <i>Muiraquitã</i> . A palavra ecodistopia aparece apenas uma vez, mas vem acompanhada de uma breve definição com base no texto de Dori Griffin. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: sim.
2022	A distopia n literatura brasileira do século XX (Pedro Fortunato de Oliveira Neto)	Tese de Doutorado defendida no PPG em Linguística e Literatura da UFAL. O termo ecodistopia aparece algumas vezes ao longo do texto, sem tentativa de conceituação. O autor retoma o texto de Saulo Gouveia (2017) para embasar seu emprego do termo ecodistopia. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não.
2023	Climate Realism, Eco-dystopia and Aesthetic of Resilience in Maja Lunde's <i>The End of the Ocean</i> and Diane Cook's <i>The New Wilderness</i> (Faten Ahmed Ramadan Ismail)	Artigo publicado no Vol. 32 (60) do periódico <i>Journal of Qena Faculty of Arts</i> . O termo ecodistopia aparece diversas vezes ao longo do texto, e o autor oferece uma discussão conceitual elaborada, que será retomada mais adiante. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: sim.
2023	Podcast com Fernanda Trías: A ficção científica e o futuro da ciência: lições de uma ecodistopia (International Science Council)	A palavra ecodistopia aparece apenas no título do podcast. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não.
2024	Ecodistopia: educação ambiental por meio da ficção científica (Willian André)	Resumo apresentado no 2º Fórum Internacional de Pesquisas Interdisciplinares, em 2023, na UNESPAR. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: sim, mas trata-se de uma definição genérica de três linhas, que eu já apresentei mais acima no texto e não retomarei no próximo quadro.
2024	A Critical Enquiry of Marco Malvestio's Ecodystopia in T.S. Eliot's <i>The Waste Land</i> (Sentilemla Lemtur)	Artigo publicado no Vol. 1, Issue 1 do periódico <i>IUN Research Journal</i> , da ICFAI University, em Nagaland (Índia). Conforme o título, o autor elabora sua análise de <i>The Waste Land</i> a partir das reflexões de Malvestio. Logo, sua abordagem da ecodistopia é de importância aqui. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: sim, à medida que recupera a conceituação e teorização de Marco Malvestio.
2024	Eco-distopia: o preço da indiferença num futuro sem sustentabilidade (Andressa de Mello)	Palestra de 15 minutos em um evento vinculado à AEITA – Associação dos Engenheiros do ITA. A palavra ecodistopia aparece apenas no título, e o conteúdo apresentado não produz qualquer relação. No minuto 9:26, a palestrante mostra uma imagem criada por IA do planeta Marte colonizado por humanos; no minuto 11:55, enaltece a figura de Margaret Thatcher. Apresenta uma conceituação de ecodistopia: não.
2025	No Homes, Only the Wilderness: The Eco-Dystopian Vision in Margaret Atwood's Trilogy (Joy Jacob)	Artigo publicado no Vol. 11, Issue 10 do periódico <i>IJIRT</i> . O termo ecodistopia aparece algumas vezes ao longo do texto, acompanhado de uma conceituação (ver próximo quadro). Apresenta uma conceituação de ecodistopia: sim.

Organização: Autor

Praticamente todos os títulos arrolados no quadro mereceriam um comentário

pormenorizado, mas, por falta de tempo e espaço, ofertarei apenas algumas observações gerais sobre alguns deles.

Em primeiro lugar, devo observar que, se meu contato inicial com o termo ecodistopia se deu em 2022, minha pesquisa evidenciou que o termo já existia há pelo menos uma década. Isso já estava posto no próprio artigo de Marco Malvestio, pois ele menciona o volume 25 da *Critical Survey*, organizado por Rowland Hughes e Pat Wheeler em 2013. Em seu breve texto introdutório para o dossiê, Hughes e Wheeler não chegam a oferecer uma conceituação para a ecodistopia (praticamente não mencionam o termo, na verdade), mas apresentam uma reflexão sobre a relação entre tecnologia e natureza que precisa ser evidenciada aqui:

Em muitas ecodistopias contemporâneas, o progresso tecnológico significa tanto um afastamento quanto uma aproximação da natureza – afastando-se da natureza-como-selvagem, mas em direção à natureza-como-jardim, uma natureza construída, mediada e projetada (Hughes, Wheeler, 2013, p. 3).

O abuso de elementos da natureza pelos avanços tecnológicos pode ser considerado um dos topos na junção entre as narrativas distópicas que seguirei chamando de tradicionais e a temática ambiental. Por óbvio, isso não é uma exclusividade desses textos que vêm sendo denominados, na última década, de ecodistopias. Saulo Gouveia, por exemplo, observa que “Narrativas ecodistópicas se tornaram tão proeminentes que já constituem um subgênero na ficção científica na América do Norte, recebendo o rótulo de ‘Cli-Fi’” (Gouveia, 2017, p. 39). Cli-Fi, ou *climate fiction*, é a baliza teórica escolhida por Anna Chiafele – segundo ela, “uma forma literária especialmente popular na América do Norte, intimamente ligada às mudanças climáticas antropogênicas” (Chiafele, 2021, p. 5) – para desenvolver uma análise em cujo título ela resolveu usar o termo ecodistopia. De maneira parecida, Oliveira Neto remete ao renomado livro de Gregory Claeys, *Dystopia: a natural history*, em uma de suas menções à ecodistopia: “a temática da devastação ecológica é tão recorrente na literatura distópica que Gregory Claeys (2017) categoriza a ecodistopia como um tipo específico dentro do gênero” (Oliveira Neto, 2022, p. 190)⁷. Na verdade, Claeys não emprega, em nenhum momento o termo ecodistopia, mas um possível análogo, “distopia ambiental” (Claeys, 2017, p. 15). De qualquer forma, um questionamento óbvio a esta minha empreitada seria: por que pesquisar exclusivamente sobre

⁷ A tese de doutorado de Oliveira Neto merece um comentário à parte. Apesar de não apresentar uma definição de ecodistopia, trata-se, a meu ver, do texto brasileiro mais consistente, até o momento, que faz uso do termo. Muito além disso, é preciso destacá-lo como um dos trabalhos de maior consistência e fôlego no que diz respeito à análise da literatura distópica brasileira.

o termo ecodistopia, sem incluir outras expressões que parecem dizer a mesma coisa, tais como *climate fiction* ou distopia ambiental? Justamente porque chama a atenção o fato de ter parecido necessário, em algum momento, a cunhagem de um novo termo – que pode passar a ressignificar, inclusive, obras há muito consagradas (no caso da literatura brasileira, por exemplo, é notável o caso do romance *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão, publicado em 1981: no quadro apresentado acima, oito dos dezenove títulos arrolados são brasileiros, e, entre eles, quatro elegem o romance em questão como objeto de análise – além da menção no texto de Alfredo Suppia, dedicado à análise do cinema brasileiro). Como eu procurei enfatizar anteriormente, a emergência desse termo parece pertencer ao desdobramento de um novo léxico imposto a nós pelo advento do antropoceno.

Feitas essas considerações mais gerais, passo agora à apresentação de um segundo quadro, que visa a compilar as definições de ecodistopia extraídas dos títulos constantes no quadro anterior:

Quadro 2: definições de ecodistopia

Eric C. Otto, 2012

Ecodystopia, as a version of dystopia functioning under the same definitional rubric, offers something ecotopia cannot, because of the latter's generic constraints: extended reflections on the issues that give rise to deep ecological sentiments, including overpopulation, species extinction, and air and water pollution. Ecodystopian science fiction stages dystopian presents and futures, frightening worlds not disengaged from the now but instead very much extrapolated out of some current and real, anti-ecological trend – whether that trend is social, scientific, economic, religious, or a combination of these and others rehearsed daily in the contemporary order of things. Significant, too, is that ecodystopia's generic imperative to represent consequences also initiates important reflections on the viability and ethics of solutions that deep ecological philosophy can be interpreted to support, such as population controls or acts of violent ecotage against inflexible social and cultural institutions. This characteristic aligns eco-dystopia with what Sargent, Moylan, and others have deemed the "critical" trend in dystopian narrative, though not in the same sense of being like more recent dystopias are "self-reflexively 'critical'" of traditional dystopian tendencies (Moylan, *Scraps* 188).

[...] critical ecodystopia reflects more [...] on ecotopian (im)possibility given the sociopolitical realities of the spaces upon which ecotopian thinkers want to layer their dreams.

Marco Malvestio, 2022

[...] a peculiar kind of science-fictional writing with environmental concerns that pivots on the imagery of catastrophe and blends the dystopian and the post-apocalyptic traditions. This sub-genre is known as eco-dystopia, which [...] merges the catastrophic imagery of the post-apocalyptic tradition and the consequential mode of dystopia.

[...] eco-dystopia is a particular kind of dystopia that focuses on ecological elements and incorporates features of the post-apocalyptic genre.

[...] in the context of an ecological dystopia, every dystopian novel is also, at least partly, but inevitably, apocalyptic. Eco-dystopia qualifies as a hybrid genre, in which rumination on a catastrophic event (usually climate change) is not simply a narrative tool, but a way of reflecting on our present. Eco-dystopia merges the narration of the catastrophe of the post-apocalyptic novel and the predictive speculation of dystopia. In eco-dystopias, we can find "apocalyptic" events, meaning decisive fractures between two moments in time, but more frequently these "apocalyptic" events are nothing more than the continuation of currently ongoing processes.

Márcio dos Santos Rodrigues, Suellen Cordovil da Silva, 2022

[...] uma distopia ecológica (ou ecodistopia) [é aquela em que] elementos de fundo ecológico são permeados por uma atmosfera de pessimismo e, também, no qual são examinados, especulativamente, os impactos de situações adversas ou catastróficas sobre o meio ambiente e como tais impactos produzem mudanças não apenas nas paisagens ecológicas representadas, mas sobre o comportamento humano (Griffin, 2019).

Faten Ahmed Ramadan Ismail, 2023

Eco-dystopia is a subgenre of science fiction that depicts postapocalyptic societies hit by ecological disasters caused by the disruption of the ecosystem which result in global warming, deforestation, shortage of food, water scarcity, pollution, floods, etc. Dori Griffin argues that "within the last five years, several authors have suggested that speculative disaster fiction is a symptom of troubled times; near future dystopias proliferate when the present seems grim" (271). Griffin's view underscores the significance of eco-dystopias as the reality of our contemporary life, or exactly eco-dystopias have become glaring manifestation of our contemporary life. The eco with dystopias implies how ecology is damaged and deteriorated into anarchy and a wasteland. Consequently, the intersection of eco with dystopia stresses the gravity of climate changes and their impact on the entire ecosystem, including human and non-human worlds which mandate global intervention and activism to contain the crisis. Eco-dystopian novels display grim future threatened by environmental catastrophes. These environmental disasters evoke human beings' worries and posit real challenges that make humanity's survival at stake. It is assumed that "[u]topian and dystopian fiction is a productive place to address cultural anxieties and threats as well as to contemplate the ideal" (Hintz and Ostry 12). Eco-dystopian novels delineate an apocalyptic or postapocalyptic world ruined by mindless exploitation of natural resources. Therefore, eco-dystopias can be considered the realistic vision of our present and the urgency to transform our attitudes towards nature's exhaustible resources.

Eco-dystopian novels display weird landscapes which depict the uncanny and subvert what is acceptable. The eco-dystopian novels reflect global conflict such as the oil and water wars around natural resources.

Eco-dystopian fiction goes beyond the world in which we live as it takes readers to bizarre spaces and landscapes.

Semtilenla Lemtur, 2024

[Malvestio] defines Anthropocene as “an age of disasters” which is represented by “mass extinctions, ocean acidification, extreme weather events, drastic changes in climate, and an increasing amount of land that will be rendered inhabitable.” (25). Eco-dystopia could be therefore understood as a possible consequence of the anthropocentric epoch in the form of the aforementioned immeasurable catastrophe. It is employed in popular fictions, popular media, science-fictions, modern and post-modern poetry where the protagonist is the barren and devastating landscape and human beings are simply surviving agents of the desiccating ecosystem.

Malvestio [...] states that:

1. In the context of an ecological dystopia, every dystopian novel is also, at least partly, but inevitably, apocalyptic.
2. Eco-dystopia is a particular kind of dystopia that focuses on ecological elements and incorporates features of the post-apocalyptic genre.
3. Eco-dystopia qualifies as a hybrid genre, in which rumination on a catastrophic event (usually climate change) is not simply a narrative tool, but a way of reflecting on our present.
4. Eco-dystopia merges the narration of the catastrophe of the post-apocalyptic novel and the predictive speculations of dystopia... in accordance with an understanding of climate change not as a single phenomenon, but rather as a summation of phenomena too various and too wide to be clearly deciphered, not to mention stopped.
5. Eco-dystopias tend to indulge in the representation of the consequences of climate change, in other words, the known world reduced to a wasteland deprived of life and littered with the remnants of a past civilization (which is to say, our present civilization). (27-29).

Joy Jacob, 2025

Eco-dystopia, as a literary mode, highlights the destructive impact of unchecked capitalism, ecological neglect, and technological experimentation on the environment.

[...] eco-dystopia is not a simple projection of environmental catastrophe but a warning about the possible effects of current global trends – biotechnology, resource depletion, climate change, and the commodification of nature.

Organização: Autor

Novamente, faltaria espaço para uma discussão pormenorizada de todas as definições reunidas. Uma primeira assertiva sumária vai no sentido de que todas elas tendem mais a se complementar (ou repetir) do que a se contradizer. As definições de Eric C. Otto e Faten Ismail são aquelas que eu considero mais completas e aprofundadas. Vale observar, nesse sentido, que o texto de Otto é o mais antigo (2012) que eu encontrei, até o momento, oferecendo uma abordagem da ecodistopia. Uma reflexão mais adequada sobre esses textos, todavia, ficarão para outra oportunidade.

A definição de Lemtur deve ser destacada pelo modo como sistematiza boa parte das considerações apresentadas no texto de Malvestio. Lemtur, todavia, procura adaptar as

reflexões de Malvestio para uma análise do poema *The Waste Land*, de T.S. Eliot. Enquanto força simbólica, acredito que *The Waste Land* tem muito a projetar sobre cenários futuristas devastados – em meu imaginário muito influenciado pela cultura pop hollywoodiana, por exemplo, sempre estabeleci um vínculo forte entre *The Waste Land* e o cenário pós-apocalíptico de *Mad Max*. Por outro lado, tentar enquadrar esse poema de 1922 como uma ecodistopia é um exercício que requer um esgarçamento muito contraproducente do conceito. Se pudermos chamar *The Waste Land* de ecodistopia, a demanda pelo conceito de ecodistopia parece perder o sentido.

Por óbvio, isso não quer dizer que o conceito deva ser aplicado apenas a obras do século 21. Já vimos que *Não verás país nenhum* tem sido, cada vez mais, lido como ecodistopia. No caso das literaturas em língua inglesa, a trilogia de Margaret Atwood (*Oryx and Crake* (2003), *The Year of the Flood* (2009) e *Maddaddam* (2013)) parece ser uma sumidade – assim como no caso do romance de Loyola Brandão, quatro títulos presentes no Quadro 1 se concentram especificamente sobre a obra da autora canadense. Também eu, ao me arriscar neófito em uma comunicação oral sobre ecodistopia em 2023, vali-me de *Oryx and Crake* como exemplo de ficção científica ecodistópica (mas também abordei narrativas um pouco mais antigas, como os filmes *Soylent Green* (1973), *Mad Max 2* (1981) e *Waterworld* (1995)). Malvestio, por seu turno, apresenta uma miríade de narrativas literárias retrospectivas aos anos 1950 e 1960, recuperando autores como John Wyndham, John Christopher e James Ballard. Ou seja: as narrativas já estavam ali, e já sabíamos que elas abordavam questões ambientais projetando futuros catastróficos. Relacioná-las ao novo conceito do antropoceno e lançar mão da ecodistopia como mecanismo de análise é apenas um movimento para tentar atribuir mais significado a essas narrativas e, como consequência, tentar entender o que mais elas podem dizer sobre nós mesmos (não por pretenderm espelhar ou projetar nossa realidade, como supõem muitos autores citados aqui, mas simplesmente porque elas têm a capacidade de elaborar uma realidade específica, com jurisdições próprias, que, inevitavelmente, respinga em nós – como aquela nódoa de lama no brim branco, tão bem profetizada por Manuel Bandeira).

Retornando ao artigo de Marco Malvestio, há ainda dois tópicos que quero enfatizar. O primeiro deles diz respeito à noção de que a ecodistopia mescla dois gêneros estabelecidos – a saber, a narrativa distópica e a narrativa pós-apocalíptica. Até aqui, ainda tenho dificuldade para estabelecer essa distinção. O romance *The Road* (2006), de Cormac McCarthy, por exemplo, é entendido por Malvestio (2022, p. 28), como exemplo de narrativa pós-apocalíptica

sui generis, mas também é abordada por Tom Moylan e Raffaella Baccolini como narrativa distópica⁸, e Fábio Durão igualmente analisa esse romance como narrativa distópica em suas aulas de literatura inglesa na Unicamp. Até onde meu entendimento alcança, narrativas pós-apocalípticas são, quase sempre, narrativas distópicas. Para complicar ainda mais, Malvestio menciona, mais de uma vez, o filme *The day after tomorrow* (2004) como um de seus principais exemplos de narrativa pós-apocalíptica, mas me parece se tratar muito mais de uma narrativa sobre o evento “apocalíptico” em si, e não sobre como os escombros da sociedade se “reorganizaram” tempos após esse evento apocalíptico.

Minha segunda ênfase recai sobre o fato de Malvestio defender que as narrativas ecodistópicas são muito hiperbólicas quando comparadas aos problemas imediatos que enfrentamos, em termos de antropoceno, advindos da atual crise ambiental. Na segunda metade de seu artigo, o autor enumera seis problemas que, segundo ele, fazem as ecodistopias se afastarem da realidade atual:

1. Eco-dystopias are spectacular and sensationalistic, but the Anthropocene usually is not.
2. Eco-dystopias tend to represent the Anthropocene with an exclusive focus on climate change.
3. Eco-dystopia tends to promote a catastrophic understanding of the Anthropocene as a single event.
4. The magnitude of the catastrophes portrayed in eco-dystopia inhibits actions to counter the effects of the Anthropocene.
5. Apocalyptic narratives are consolatory.
6. Eco-dystopias are ecophobic. (Malvestio, 2022, p. 30-34).

Com relação à noção de catastrofismo, especificamente, entendo que a perspectiva do autor se alinha às percepções de Moylan (2020) e Baccolini (2004; 2020), em sua defesa da necessidade e persistência da esperança em contextos catastróficos. Ademais, a crítica ao catastrofismo presente em narrativas ecodistópicas também é elaborada no artigo de Saulo Gouveia. Por outro lado, em segunda instância, a argumentação de Malvestio parece fazer supor que as narrativas ecodistópicas não deveriam tratar tanto de projeções do futuro, mas sim dos problemas concretos enfrentados no presente imediato. Se esta interpretação estiver correta, insisto em dizer, novamente, que a manutenção do conceito de ecodistopia não faria grande sentido. Nas linhas finais de seu texto, Malvestio (2022, p. 35) diz que, “embora as melhores ecodistopias sejam capazes de representar o Antropoceno como um processo complexo, de

⁸ Ver a entrevista com Moylan e Baccolini promovida pelo evento Colóquio Literatura e Utopia 20 anos, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kOIOqlbIUUo>>, acesso em 10/08/2025.

longo-termo, muitas delas adotam imagens desgastadas e esquemas narrativos inadequados para o tema que abordam”. Não pretendo discordar, mas devo ressaltar que o autor apresentou vários exemplos de ecodistopias possivelmente desgastadas e inadequadas, porém faltou tratar daquelas que ele denomina “as melhores ecodistopias”.

Considerações Finais

Como é perceptível, este estudo passou ao largo da vasta fonte de pesquisas na área da ecocrítica. Fica como mais um problema a ser remediado no futuro. Pelo que pude constatar, de qualquer forma, a ecodistopia ainda não parece ser um conceito abordado com grande relevância pela ecocrítica.

Das principais considerações finais que eu julgo necessárias aqui, vale ressaltar a aparente falta de diálogo entre pesquisadores que se dedicam a um mesmo tema. Foram poucos os títulos que eu consegui reunir em minha pesquisa de abordagens sobre a ecodistopia, mas fica evidente que esses poucos títulos encontrados foram pouco aproveitados pelos pares. Lemtur, obviamente, cita Malvestio. Ismail e Rodrigues & Silva citam Griffin; Oliveira Neto cita Gouveia; Sentov cita Hughes & Wheeler e Mohr. Fora outros nomes óbvios para os estudos de distopias, como Moylan e Claeys, o diálogo fica restrito a esses poucos exemplos. Em alguma medida, espero que este texto possa contribuir para uma observação mais atenta do material que outros colegas vêm elaborando, caso mais alguém que se interessa pelo conceito de ecodistopia venha a esbarrar em meu texto. No limite, trata-se também de um pedido, para que outros títulos possam ser acrescentados e abordados de maneira mais adequada do que neste levantamento incipiente.

Em um rascunho inicial deste artigo, eu pretendia tecer alguns comentários sobre duas obras bastante recentes para arrematar minhas considerações acidentais sobre a ecodistopia. Por falta de organização, tempo e espaço, todavia, apenas deixo registrado que as obras em questão seriam *Cadáver Exquisito* (2017), da escritora argentina Agustina Bazterrica, e *O deus das avencas* (2021), do brasileiro Daniel Galera. Acredito que ambas sejam dignas de atenção no bojo das considerações futuras sobre narrativas ecodistópicas, inclusive por incrementar o repertório atual com obras latino-americanas ainda não exploradas nos materiais que consegui compilar.

Por último, deixo um questionamento sobre a pertinência de se pensar a ecodistopia como parte do léxico emergente do antropoceno: precisamos, realmente, desses novos

conceitos? De que maneira eles podem nos ajudar a compreender o lugar e o tempo que habitamos, e o lugar e o tempo para onde vamos?

Referências

- ANDRÉ, Willian. Ecodistopia: educação ambiental por meio da ficção científica. Caderno de resumos (livro eletrônico): **2º Fórum Internacional de Pesquisas Interdisciplinares** / comissão organizadora Fred Maciel... (et al.). 2 ed. Campo Mourão, PR: Marcos Clair Bovo, 2024, p. 9.
- BACCOLINI, Raffaella. The Persistence of Hope in Dystopian Science Fiction. **PMLA**, May, 2004, Vol. 119, No. 3, Special Topic: Science Fiction and Literary Studies: The Next Millennium (May, 2004), pp. 518-521.
- BACCOLINI, Raffaella. “Hope isn’t stupid”: The Appropriation of Dystopia. **mediAzioni** 27, D39-D49. <http://mediazioni.sitlec.unibo.it>, ISSN 1974-4382.
- BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**/Antônio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- CHIAFELE, Anna. Climate Change: Eco-Dystopia in Antonio Scurati’s La seconda mezzanotte. **Quaderni d’Italianistica**, vol. 42, n. 1, 2021, p. 5-30.
- CLAEYES, Gregory. **Dystopia: A Natural History**. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundos por vir?** Ensaio sobre os meios e os fins. 2 ed. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.
- DIAS, Ângela Maria. Viagem e ecodistopia em Dinah Silveira de Queiroz e Ignácio de Loyola Brandão. **Tempos de Distopia**: Encontro do Grupo de Estudos Distopia e Contemporaneidade, 2021, online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LIwpPUZCRaU>>, acesso em 10/08/2025.
- GOUVEIA, Saulo. O Catastrofismo Ecodistópico: perspectivas do Brasil e da América do Norte. **Revista Moara**, Ed. 48, ago-dez 2017, p. 35-53.
- GRIFFIN, Dori. Visualizing Eco-Dystopia. **Design and Culture**, Vol 10, Issue 3, 13 Mar 2019, pp 271-298.
- HUGHES, Rowland; WHEELER, Pat (guest editors). Introduction – Eco-dystopias: Nature and the Dystopian Imagination. **Critical Survey**, vol. 25, n. 2, 2013, p. 1-6.
- ISMAIL, Faten Ahmed Ramadan. Climate Realism, Eco-dystopia and Aesthetic of Resilience in Maja Lunde's The End of the Ocean and Diane Cook's The New Wilderness. **Journal of Rile/Jile – An International Peer Reviewed Journal**

Qena Faculty of Arts, 32 (60) July 23, p. 1-52.

JACOB, Joy. No Homes, Only the Wilderness: The Eco-Dystopian Vision in Margaret Atwood's Trilogy. **IJIRT**, Vol. 11, Issue 10, March 2025, p. 353-358.

KILHAVN, Håvard; SHIPP, Julie; BERTHEUSSEN, Anastasia. Comment to the ICS Anthropocene decision: From Stratigraphy to storytelling. **Quaternary Environments and Humans**, Vol 2, Issue 6, December 2024, 100036.

LEMTUR, Sentilemla. A Critical Enquiry of Marco Malvestio's Eco-dystopia in T.S. Eliot's *The Waste Land*. **IUN Research Journal**, Vol. 1, Issue 1 (July 2024), p. 1-19.

MALVESTIO, Marco. Theorizing Eco-Dystopia: Science Fiction, the Anthropocene, and the Limits of Catastrophic Imagery. **European Journal of Creative Practices in Cities and Landscapes**, Vol. 5, n. 1, 2022, p. 24-38.

MOHR, Dunja M. Eco-Dystopia and Biotechnology: Margaret Atwood, *Oryx and Crake* (2003), *The Year of the Flood* (2009), *Maddaddam* (2013). VOIGTS, Eckart; BOLLER, Alessandra. **Dystopia, Science Fiction, Post-Apocalypse**. Trier: WVT, p. 283-301.

MOYLAN, Tom. The Necessity of Hope in Dystopian Times: A Critical Reflection. **Utopian Studies**, Volume 31, Number 1, 2020, pp. 164-193.

OLIVEIRA NETO, Pedro Fortunato de. **A distopia na literatura brasileira do século XX**. Tese (Doutorado em Linguística e Literatura). Universidade Federal de Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2022.

OTTO, Eric C. Ecotopia, Ecodynamics, and the Visions of Deep Ecology. **Green Speculations: Science Fiction and Transformative Environmentalism**. Ohio: The Ohio State University Press, 2012, p. 45-73.

RODRIGUES, Márcio dos Santos; SILVA, Suellen Cordovil da. Uma Amazônia ecodistópica em *Kanopé*, de Louise Joor. **Muiraquitã: Revista de Letras e Artes**, Marabá, v. 1, n. 1, jan./jun. 2022, p. 65-75.

RULL, Valentí. **El Antropoceno**. Colección ¿Qué sabemos de? Madrid: CSIC/Catarata, 2018.

SANDRINI, Paulo Henrique da Cruz. Ecodistopia: o Brasil árido de *Não verás país nenhum*. **III Colóquio de Estudos Ecocriticos**, 2021, online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s1YZaMYFBrM>>, acesso em 10/08/2025.

SCHNEIDER-MAYERSON, Matthew; BELLAMY, Brent Ryan. **An Ecotopian Lexicon**. Kindle version. University of Minnesota Press, 2019.

SENTOV, Ana. "So obvious and so unthinkable": eco-dystopia in Margaret Atwood's *Maddaddam Trilogy*. **Civitas**, 2021, 11(2), 156-172.

SUPPIA, Alfredo. Respira fundo e prende: um pequeno raio-X do cinema brasileiro, do regime militar aos militares no regime. **Revista Eco-Pós**, dossiê “O pensamento ecológico”, v. 23, n. 2, p. 188-216.

VEIGA, José Eli da. **O Antropoceno e as Humanidades**. São Paulo: Editora 34, 2023.